



**MISÉRIA DOURADA**

Jorge Mautner

(1993)

**ã**  
*azogue editorial*



Duas citações e imagens paralelas e simultâneas, como sucede ser tudo nesta literatura de quarta-dimensão, poderiam definir, dentro da indefinição das coisas, este livro:

— Diálogo travado entre o chefe da Gestapo Heinrich Himmler, e Adolf Hitler. Quando perguntado pelo chefe da Gestapo Himmler quais seriam os novos inimigos do III Reich triunfante, já que não existiriam mais nem judeus, nem homossexuais, nem deficientes físicos, nem ciganos, nem líderes de outros partidos, o führer respondeu: “Serão três categorias de inimigos, caro Heinrich: os diferentes, os estranhos e os humoristas!!!!”

— Clementina de Jesus sorrindo, cantando para mim, no sonho mais bonito, duas músicas, uma do eterno Dorival Caimmy , e outra do imortal Vinícius de Moraes e do Baden Powell, e repetindo muitas vezes: “E a mão da doçura hein????... tá no Gantois!!!!” e depois: “Eu nunca fiz coisa tão certa, entrei pra Escola do Perdão, a minha casa vive aberta, abri todas as portas do coração!!!!”

# Um caso de dupla personalidade integrada e... feliz!!!!

*Eu ando meio morto e  
não sei por quanto tempo. Eu ando em terras  
de fezes de porco.*

Celso Alencar

A noite caía como um banho de faíscas em cima de Vila Isabel. Além daquele abuso de estrelas faiscando em cima da baía de Guanabara assemelhando-se a uma multidão de diademas, diamantes, esmeraldas, águas-marinhas emanando suas luzes estelares em cima da cidade eternamente-modernamente maravilhosa, ainda existia aquela lua escandalosa a navegar como se fosse uma bola de neve luminosa a inspirar serenatas, românticos, poetas, feiticeiros e namorados em geral a fazerem mais serenatas, a serem mais românticos, mais poetas, mais feiticeiros, e mais namorados ainda!!!!

Naquele bairro boêmio e histórico, tradicional e imortal de Vila Isabel, havia um bar de esquina no qual numa saleta dos fundos existia uma mesa de bilhar e que nesta noite de sexta-feira estava repleta de jogadores, profissionais e amadores. Estava também entupido de gente de todas as cores, de brasileiros e brasileiras, a grande sala central assim como tomando conta de toda a calçada, e estendendo-se para muito além do perímetro de propriedade do bar mesas e cadeiras inconfortáveis atulhadas, empilhadas, abarrotadas, preenchidas de gente!!!!

O burburinho era grande e havia muita, mas muita gritaria mesmo. As pessoas deste lugar chamavam aquilo de conversação, mas era pura gritaria, vozerio, berros, urros. Mas o que fazer? Era

assim mesmo que se expressavam estes brasileiros e brasileiras neste bar boêmio nesta noite mágica de Vila Isabel.

Havia numa das mesas um casal de rara visão: ele era um chinês, e ela era uma mulata. O chinês tentava explicar para sua mulata que em noites de lua cheia como esta dava para enxergar um coelho, ou se quiserem uma lebre na lua. E ela, a mulata sambista da Escola de Samba de Vila Isabel, retrucava que não, não era nada disso. O que se via na lua cheia em noites como estas era nada mais nada menos que São Jorge Ogum, montado em seu cavalo branco espetando o eterno dragão da maldade.

Na mesa ao lado havia um intelectual estudioso do samba discutindo com mais três colegas o conteúdo social e político, existencial e esotérico da briga entre Wilson Batista e Noel Rosa, o poeta de Vila Isabel. Também discutiam aos berros como todo mundo.

Lá no fundo da saleta de bilhar, sentado imerso em semi-escuridão numa confortável poltrona antiga e de couro já desgastado pelo tempo, porém como todas as peças antigas de ótima qualidade e resistência, um forte e atlético, altíssimo e simpaticíssimo cidadão negro atendia uma fila de clientes que silenciosamente esperavam na fila, também imersa naquela semi-escuridão aveludada, a hora de serem atendidos por aquele a quem chamavam de “Zé Diabo”.

E o que estava vendendo este “Zé Diabo”? Ora, trouxinhas de maconha e papelotes de cocaína, que os colombianos chamam de La Cama, e no Brasil chamam de pó.

Foi quando “Zé Diabo” avistou um vulto conhecido que ainda estava lá no fundo da fila de clientes pacientes e silenciosos que mergulhados na semi-escuridão aveludada de veludo negro do ambiente iam seguindo como se fossem um cortejo disciplinado de crentes religiosos, católicos praticantes que em passo de cerimonial sério, taciturno, seguro e devoto iam se aproximando dele, “Zé Diabo”, e que pareciam curvar-se perante ele, beijar suas mãos de padre-confessor, ajoelhar-se perante ele, permanecer não mais do que quatro ou vinte e quatro segundos no máximo parecendo realmente estarem comungando e tomando a hóstia sagrada,

e no entanto o que se passava naquela semi-escuridão daquele ambiente aveludado de veludo negro de missa satânica oficiada pelo monge diabólico, sacerdote infernal, “Zé Diabo”, era a discreta operação de estenderem a mão direita com o dinheiro contado na mão, e receberem a trouxinha de maconha, ou o papelote de cocaína, ou ambos na mão esquerda, e ato contínuo se retirarem em silêncio, na discrição, na manha de gato, na mesma postura de quem se faz de quase invisível com a qual entraram e se postaram na fila como um bando de cordeirinhos de Deus.

Mas como ia dizendo, “Zé Diabo” ao avistar um vulto conhecido, possuidor que era de um faro anormal aliado a uma visão de águia negra, e eu diria possuidor de dons telepáticos que o tornavam uma pessoa portadora de axé e poderes extra-sensoriais dignos de um médium ou xamã dos mais sofisticados, e que o fazia possuir, creio eu, além do terceiro olho, uma visão que ia além do infra-vermelho e além do ultravioleta e que como aqueles visores de raios infra-vermelhos usados principalmente nos rifles pelo exército dos EUA, são capazes de enxergar no maior escuro, ordenou com um gesto nobre e autoritário, seco e majestoso, que não deixava qualquer dúvida sobre a sua inata capacidade de dar ordens e ser obedecido incontinenti, sem nenhuma discussão, que o vulto reconhecido por ele saísse imediatamente da fila e se adiantasse e se apresentasse diante dele.

E isto de fato se deu e sucedeu. Não houve murmúrios, nem sequer um único comentário sobre o fato obviamente ululante de que alguém estava furando a fila descaradamente. Tudo ali estava submetido a uma espécie de universo-sistema-atmosfera-leis autoritárias, rígidas, ditatoriais, absolutas cujo comandante-guia-chefe-Führer profano-sagrado-absoluto-irresvalável era o “Zé Diabo”.

Logo que o vulto chamado a furar a fila e a se apresentar perante o “Zé Diabo” se aproximou deste, travou-se o seguinte diálogo, que foi executado em tom sóbrio, cantado, quase em ritmo e melodia de um samba-canção bem suave e cool, entre aqueles dois gatos negros, porque sim, o vulto que furou a fila e se aproximou de “Zé Diabo” a mando e comando, invocação e chamado

deste, também era da cor negra do veludo negro, da pantera negra, da pérola negra, do ébano e da ônix, da Noite Rainha, do buraco negro e do saci-pererê!!!!

Só que o negro recém-chegado que furara a fila a mando de “Zé Diabo” era muito mais magro que este e embora tivesse um metro e oitenta de altura não era de longe tão alto, atlético, massa, gigante, como “Zé Diabo” o era, ainda é, espero eu!!!! Chamava-se Marcus Pantera negra, e era baterista de todos os ritmos, música popular avançada brasileira, jazz, soul, e batucadas em geral!!!! Seu apelido era “Marquinhos mãos e dedos de veludo negro”, e já havia tocado com muita gente famosa e não famosa, por exemplo, foi baterista de Jorge Mautner, de Zizi Possi, de Luiz Melodia, de Marisa Monte, etc., etc., etc., etc.

Eis o diálogo, entre os dois gatos, panteras negras, malabaristas, artistas do abismo, travado em tom de troca de vibrações e irradiações de relâmpagos e raios cheios de subtons, subsignificados em forma e conteúdo, maneira e jeito de mantras, cânticos, toques, sugestões, cheias de malícia, magia, simpatia, telepatia!!!!

“Zé Diabo”: — “Oi, Marquinhos dedos e mãos de veludo negro, como vai? Há tanto tempo que a gente não se vê... o que te traz aqui e por aqui? Não estavas na Europa, excursionando com aquele grupo do Luís Melodia, o nosso Pérola Negra do Estácio de Sá?”

Marquinhos: — “É... eu estava, mas agora estou por aqui. Cheguei apenas há vinte e quatro horas atrás, vim diretamente do gelo da Suíça para o calor do aeroporto do Galeão, e depois de tomar um ligeiro e refrescante chuveiro gelado lá na casa dos meus pais em Engenho de Dentro, vim diretamente para cá, para ver como andam as coisas, matar saudades, quem sabe encontrar a Vanessa... e comprar uns bagulhos com você!!!! E isso aí!!!!”

“Zé Diabo”: - “É isso aí... vamos, toma estas duas trouxas de marijuana como dizem os mexicanos, e dois papелotes de brilho do melhor... e você não paga nada, é presente de amigo antigo, camarada, companheiro e parceiro de sambas imortais... vê se me telefona um dia destes pra gente compor juntos aqui, ou no Estácio ou na Mangueira ou no meu bangaló lá na baixada fluminense, em Belfort Roxo, mas vê se você se manda agora mesmo, porque o

papo estava bom mas daqui a pouco o pessoal da fila vai começar a reclamar, eu conheço eles, é a moda agora, democracia, parlamentarismo, greves, desobediência civil, é mole???? Axé pra você Marquinhos dedos e mãos de veludo negro!!!!”

Marquinhos: — “Ciao meu chapa, meu irmão, meu cumpadre, meu parceiro, até um dia, ou melhor dizendo, uma noite destas, vamos combinar sair com a Vanessa minha garota e aquela sua namorada francesa, aquela loirinha gostosa tipo Miss Mundo que gamou total no meu amigo Valdemar dos Santos e Silva, vulgo ‘Zé Diabo’, negão dos negões, pra ninguém botar defeito, o malandro da ginga e do papo e da cantada e da malandragem mais certa de deste mundo, do primeiro, do segundo, do terceiro e do quarto mundo!!!! E... obrigado pelas quatro ‘presas’ mas da outra vez eu pago em dobro!!!!”

“Zé Diabo”: — “Te manda logo, tu não paga em dobro da próxima vez coisa nenhuma, eu só exijo que em troca você cante e toque as nossas melodias para a minha loira francesa a gata Claire Rosanne pra ela ver que não é papo nem invenção minha... mas agora te manda... vê se te cuida, põe os bagulhos bem malocados dentro da sunga e vê se não dá bobeira que em noite de sexta-feira, lua cheia, os homens da lei estão loucos e possessos pra prender, encarcerar, enjaular, torturar!!!! Take care, Ogum te protege!!!!”

Marquinhos: — “Axé!!!!”

“Zé Diabo”: — “Axé!!!!”

Na manhã do dia seguinte nascida chuvosa com São Pedro castigando o Rio de Janeiro de maneira impiedosa através de chuvas torrenciais e tropicais e mortais e fatais já há mais de treze horas, transformou-se em manhã luminosa com o sol surgindo como num desenho animado, ou pintura ingênua de criança a lápis de cor, com seus raios amarelos e que secaram e desumedeceram tudo e todas as coisas em questão de segundos-instantes-momentos-frações, e eis que lá pelo meio-dia em ponto, o carioca já se sentia novamente feliz, bem-humorado, otimista e alegre!!!! Sigmund Freud fala muito sobre a importância da beleza na vida de todos nós mortais. Diz o moderno-eterno-moderno Oráculo de Delfos que sem esta beleza a nos circundar, incentivar, provocar, elevar, seria quase impossível

resistir, existir, viver, sobreviver, nesta amarga-real-hostil-agressiva vida-paisagem-sociedade-civilização!!!!

Quando a noite caiu, era como se a própria noite Rainha do poema de Fernando Pessoa caísse sobre a cidade maravilhosa, a baía de Guanabara, o Cristo Redentor, o Corcovado, o Pão de Açúcar, a Vista Chinesa, a Barra, a Floresta da Tijuca, e sobre... Vila Isabel!!!!

Marcus Pantera, o “Marquinhos dedos e mãos de veludo negro”, andava gingando distraidamente pelas ruas do mágico-mítico-glorioso-lindo bairro de Noel Rosa, saboreando o ar e o gosto, o aroma e o perfume do Feitiço da Vila que segundo o poeta Noel de Medeiros Rosa “tendo o nome de princesa transformou o samba em feitiço decente que prende a gente”... e estava asso-biando justamente este samba imortal chamado Feitiço da Vila, quando avistou todo garboso, militar, prussiano, vistoso, um negro atlético, forte, gigantesco, magnético, que ostentando uma brilhante-impecável-engomada-elegante farda de Polícia Militar com a divisa de sargento, quase marchando com suas faiscantes botas pisando em compasso de samba militar, com algemas, casetete, balas e revólver na cintura, óculos ray-ban cinematográfico de super-herói galã, com a expressão, tiques, caras e bocas de um Marlon Brando negro, exibindo toda a força, majestade, magnificência-pureza da lei, da ordem, da moral, do direito, não havia mais dúvida alguma, o seu amigo-companheiro-camarada-parceiro o Valdemar dos Santos e Silva, vulgo “Zé Diabo”!!!!

Quando os dois e aproximaram frente a frente, cara a cara, face a face, nariz a nariz, eis o surpreendente, inesperado, chocante, impressionante diálogo que se deu e sucedeu como faíscas, raios, relâmpagos, flechadas, em tom e som, conteúdo e forma, de tragédia-grega-comédia-negra, eis, eis, eis, eis:

Marcus Pantera, vulgo “Marquinhos dedos e mãos de veludo negro”:

— “Oi, meu chapa-irmão-cumpadre-parceiro Valdemar dos Santos e Silva, vulgo ‘Zé Diabo’, o que é que você está fazendo aqui e por aqui, nesta hora, agora, todinho uniformizado-fardado-armado-engomado????”

Ao que ligeiro-matreiro-brasileiro-malandro o Valdemar dos Santos e Silva, vulgo “Zé Diabo”, respondeu-retorquiou-falou-disse:

— “Ora meu bom amigo-irmão-chapa-cumpadre Marcus Pantera, vulgo ‘Marquinhos dedos e mãos de veludo negro’... eu hoje estou procurando por mim mesmo... ontem!!!!”